

A meio de um dia de Abril de 1880, entrou no meu gabinete o guarda Andrei e anunciou-me, com ar misterioso, que estava ali na redacção um senhor que pedia encarecidamente para ser recebido pelo director.

— Com a insígnia no boné — acrescentou Andrei —, deve ser um funcionário...

— Pede-lhe que venha noutra dia — disse-lhe. — Hoje estou ocupado. Diz-lhe que o director só atende aos sábados...

— Já anteontem ele veio cá. Diz que é importante. Farta-se de pedir, quase chora. No sábado, diz ele, não pode... Mando-o entrar?

Suspirei, larguei a pena e fiquei à espera do senhor da insígnia. Os escritores principiantes e, no geral, as pessoas que não estão batidas nos escaninhos das redacções e a quem a palavra «redacção» causa um temor religioso, fazem-se esperar. Depois do «peça-lhe que entre» do director, tossem e assoam demoradamente o nariz, abrem a porta devagar, entram ainda mais devagar e, com isso, fazem-nos perder muito tempo. O senhor da insígnia, porém, não se fez esperar. Logo que a porta se fechou atrás do Andrei, vi no meu gabinete um homem alto e espadaúdo que segurava numa mão um embrulho de papel e na outra o boné com a insígnia.

O homem que tanto insistia em encontrar-se comigo desempenha na minha história um papel de destaque. É imprescindível descrever o seu aspecto físico.

Alto e espadaúdo, como já disse, robusto como um cavalo de lida. Todo o corpo do homem respira saúde e força. Cara rosada, mãos grandes, peito largo, saliente de músculos, cabelo espesso como o de um garoto saudável. Anda pelos quarenta anos. Veste, com bom gosto e pela última moda, um fato de fazenda de lã. Ao peito traz uma grande corrente de ouro com berloques, no dedo mínimo cintilam-lhe as minúsculas estrelinhas de um anel de diamantes. Mas — o que é mais importante e imprescindível para qualquer herói mais ou menos aceitável de romance ou novela — o homem é muitíssimo bem-parecido. Não sou mulher nem artista, pouco percebo de beleza masculina, mas o senhor da insígnia, com a sua aparência, causou-me uma impressão forte. O seu rosto grande e musculado gravou-se na minha memória para sempre. Distingue-se neste rosto um verdadeiro nariz grego ligeiramente adunco, uns lábios finos e uns amáveis olhos azul-claros em que luze a bondade e mais qualquer coisa para que é difícil arranjar o nome adequado. Tal «qualquer coisa» pode ser observada nos olhos dos pequenos animais quando tristes ou com dores. Qualquer coisa de suplicante, de infantil, de resignada paciência... Pessoas manhosas e muito inteligentes não têm olhos assim.

De todo o rosto emana-lhe a simplicidade, uma natureza generosa e ingénuo, uma verdade... Se não for mentira que o rosto é o espelho da alma, então, no meu primeiro encontro com o senhor da insígnia, eu poderei jurar por minha honra que ele não sabia mentir. Até poderia apostar.

Se perderia ou não a aposta — isso vê-lo-á o leitor mais adiante.

O cabelo e a barba castanhos são espessos e macios como seda. Dizem que cabelo assim é sinal de alma meiga, terna, «sedosa»... Os criminosos e os caracteres malévolos e teimosos têm, na sua maioria, cabelo rijo. Se isto é verdade ou não, tam-

bém o verá o leitor mais adiante... Ora, nem a expressão do rosto, nem a barba, nem nada é tão meigo e terno como os movimentos do seu corpo grande e sólido. Nestes movimentos transparece a boa constituição, a leveza e mesmo — desculpem a expressão — uma certa feminilidade. O meu herói não precisa de grande esforço para dobrar uma ferradura ou esmagar na mão uma lata de sardinhas; porém, nenhum dos seus gestos revela uma grande força física. Pega numa maçaneta de porta ou no chapéu como numa borboleta: cuidadosa, meigamente, tocando-lhe ao de leve com os dedos. A sua passada é silenciosa, os seus apertos de mão fracos. Olhando para ele, esquecemos de que é forte como Golias, capaz de levantar com uma mão o que não conseguiriam levantar os cinco Andrei da nossa redacção. Ao assistirmos aos seus leves movimentos, nunca acreditaremos que ele é tão forte e pesado. Spencer poderia chamar-lhe um modelo de graciosidade.

Entrando no meu gabinete, ficou confuso. Por certo lhe feriu a natureza sensível e terna o meu ar carrancudo e descontente.

— Desculpe-me, por amor de Deus! — começou ele a falar, numa voz de barítono suave e succulenta. — Rompo por aqui dentro numa hora inconveniente, obrigando o senhor a abrir uma excepção para mim. Está tão ocupado! Mas acontece que eu, veja lá, amanhã tenho de partir para Odessa por causa de um assunto muito importante... Se tivesse a possibilidade de adiar a viagem até sábado, acredite que não insistiria em que alterasse as suas regras para mim. Eu, quando se trata de regras, inclino-me porque gosto da ordem...

«Fala de mais», pensei, estendendo a mão para a pena, dando-lhe com isso a entender que não tinha muito tempo. (Já estava tão farto de visitantes!)

— Roubo-lhe apenas um minuto! — continuou o meu herói em tom de desculpa. — Antes de mais, permita que me apresente... Ivan Petróvitch Kámichev, licenciado em Direito, ex-juiz de instrução... Não tenho a honra de pertencer à classe dos

escritores, mas vim cá com um objectivo de teor puramente literário. Está à sua frente um indivíduo que deseja tornar-se autor, principiante, apesar dos seus quarenta anos. Mas vale mais tarde do que nunca.

— Muito prazer... Em que lhe posso ser útil?

O pretendente a principiante sentou-se e, fitando no chão os seus olhos suplicantes, continuou:

— Trouxe-lhe uma pequena novela que desejaria publicar no seu jornal. Vou dizer-lhe com toda a franqueza, senhor director: não escrevi a novela para a minha glória literária nem por causa das suaves sonoridades... Para essas coisas já estou velho de mais. Enveredei pelo caminho da escrita por considerações puramente mercantis... Preciso de ganhar algum... Actualmente, não tenho trabalho. Está a ver, fui juiz de instrução no distrito de S*** durante cinco anos, mas não juntei um pataco nem preservei a inocência...

Kámichev lançou-me o seu olhar bondoso e riu-se baixinho.

— Um serviço enfadonho... Trabalhei, trabalhei, depois desisti e abandonei o serviço. Agora não tenho qualquer trabalho, quase não tenho para comer... E se o senhor, fechando os olhos à qualidade, publicar a minha novela, far-me-á mais do que um favor... Será uma grande ajuda... Eu sei que um jornal não é uma instituição de caridade, não é nenhum asilo... Eu bem sei que não é, mas... faça-me este favor...

«Estás a mentir!», pensei.

Os berloques e o anel no mindinho condiziam mal com a escrita pelo pão de cada dia; além disso, perpassou pela cara de Kámichev como que uma nuvenzinha leve, apenas perceptível a um olhar experiente e que apenas perpassa pelos rostos das pessoas que raramente mentem.

— Qual é o tema do seu manuscrito? — perguntei-lhe.

— O tema... Como hei-de dizer? O argumento não é novo... Amor, assassínio... Mas leia, vai ver... «Dos cadernos de um juiz de instrução»...

Eu devo ter franzido a cara porque Kámichev pestanejou, embaraçado, agitou-se e disse apressadamente:

— A minha novela foi escrita segundo os chavões utilizados pelos antigos juízes de instrução, mas... tem por trás uma história verídica, real... Tudo o que está aqui escrito, da primeira à última página, aconteceu à frente dos meus olhos... Fui testemunha ocular e, até, um do personagens.

— Não interessa se é verídica ou não... Não é obrigatório ver para descrever... Isso não é importante. É que o nosso desgraçado público há muito está pelos cabelos com o Gaboriau e o Chkliarévski¹. Está farto de todas essas mortes misteriosas, das artimanhas dos agentes policiais e da extraordinária mestria dos juízes de instrução nos interrogatórios. O público é variado, sem dúvida, mas falo daquele que lê o nosso jornal. Como intitulou a sua novela?

— «Drama na caça».

— Hum... Não é lá muito sério, sabe... E também, sinceramente, tenho tanto material acumulado que não tenho a mínima possibilidade de aceitar mais nada, mesmo que seja de qualidade incontestável...

— Mas aceite a minha, por favor... Diz que não é sério, mas... é difícil qualificar uma obra sem a ler... Além disso, será que não pode admitir que também os juízes de instrução são capazes de escrever coisas a sério?

Kámichev proferiu tudo isto titubeando, girando um lápis entre os dedos, a olhar para os pés. Acabou por se atrapalhar muito e pestanejava. Tive pena dele.

— Está bem, deixe ficar — disse eu. — Mas não lhe posso prometer que tenha tempo de ler a sua novela nos tempos mais próximos. Terá de esperar...

¹ Émile Gaboriau (1832-1873), escritor francês, autor de romances policiais, um dos primeiros autores deste género; muitos dos seus romances foram traduzidos para o russo e eram muito populares na década de 1870-1880. Aleksandr Chkliarévski (1837-1883), escritor russo, autor de romances policiais. (N. T.)